

A AMÉRICA EM A CHAVE DO TAMANHO, DE MONTEIRO LOBATO

Thiago Alves VALENTE ¹

- **RESUMO:** A literatura infantil do início do século XX tem em Monteiro Lobato um de seus maiores representantes. Como intelectual engajado em causas nacionais de seu tempo, o escritor apresentou tanto em sua literatura para o público adulto quanto naquela voltada para as crianças questionamentos sobre o continente americano, mais especificamente a respeito dos Estados Unidos. Nosso objetivo, então, é abordar a presença desse país em *A chave do tamanho*, de 1942, uma das últimas obras infantis do escritor, realizada num momento posterior às experiências que tivera nos Estados Unidos ao desenrolar da Segunda Guerra Mundial.
- **PALAVRAS-CHAVE:** *A chave do tamanho*; literatura infantil; Monteiro Lobato.

Como uma das personalidades públicas mais importantes do cenário nacional do início do século XX, Monteiro Lobato representa novos rumos daquilo que poderíamos identificar com a modernidade brasileira. Mesmo se contestada à luz dos artistas da Semana de 22, essa modernidade merece ser lembrada tanto no que diz respeito aos negócios com os quais se envolveu ao longo de sua vida (editora, petróleo, ferro) quanto em relação à literatura que produziu, principalmente aquela destinada às crianças. Seu conhecido engajamento com

¹ Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP - CEP 86300-000 - Cornélio Procópio - PR. E-mail: kantav2005@gmail.com.

as causas nacionais fez com que Lobato renegasse valores “tradicionais”, hegemonicamente europeus, voltando os olhos para o continente americano e, assim, corroborando tendências que viriam a se acentuar no relacionamento do Brasil com os Estados Unidos.

Em sua literatura, encontramos comparações entre a potência americana e a terra dos “jecas”, como no caso de *Mr. Slang e o Brasil* (1927) e *América* (1932). Diante dessas obras, é importante destacar que a viagem que realiza no governo de Washington Luís, quando é nomeado adido comercial brasileiro em Nova Iorque, é fato relevante em sua vida:

Sua experiência norte-americana é marcante.

Fica conhecendo um país industrialmente desenvolvido de forma plena e fascinado pela modernidade das máquinas e da tecnologia. Daí à idolatria pelo modo de vida norte-americano vai só um passo, e Monteiro Lobato não hesita em dá-lo. O passo, aliás, era previsível: Estados Unidos e Argentina foram sempre os padrões ante os quais Monteiro Lobato verberava o subdesenvolvimento brasileiro.

Residindo em Nova Iorque, Monteiro Lobato mergulha fundo no seu sonho. (...). Toma conhecimento de novas técnicas de beneficiamento de minério de ferro, visita as indústrias Ford e deslumbra-se todo. Reaviva-se e intensifica-se sua velha paixão pelo moderno e pela eficiência, que nos idos de 1914 o fizera intolerante em face da cultura primitivamente predatória dos jecas paulistas.

Metrô, eletrodomésticos, auto-estradas, cinema falado, tudo deixa o velho fazendeiro de Buquira extasiado e o faz derramar sua admiração em carta aos amigos brasileiros. Em seu entusiasmo não há lugar para críticas, e Monteiro Lobato envolve na mesma paixão tanto as fitas de Walt Disney e os espetáculos do Music City Hall quanto a agressão imperialista à Nicarágua e a execução de Sacco e Vanzetti.

Monteiro Lobato não conhece meias-medidas. (LAJOLO, 2000, p. 72 - 73)

Como podemos perceber, Lobato encontra nos Estados Unidos uma sociedade industrial sonhada para o Brasil – ao retornar para a pátria, tenta dar ferro e petróleo aos brasileiros.

Apesar de seu entusiasmo com o desenvolvimento norte-americano, o escritor não deixa de ter uma visão crítica sobre o que vivencia no exterior. A industrialização e o poder bélico são objetos de reflexão em suas abordagens sobre os Estados Unidos:

Além da guerra [...] a questão da indústria mereceu conclusões pessimistas de Lobato, conclusões essas que levaram o autor a uma visão crítica dos Estados Unidos. E o mais importante é que essa crítica é feita em *América*, o livro para adultos mais representativo de sua concepção otimista a respeito do progresso. Neste livro, em que Lobato descreveu e louvou a sociedade industrial norte-americana, podemos perceber algumas observações no sentido de que o progresso material não significa apenas, ou necessariamente, benefícios para o homem. (CAMPOS, p. 155, 1986)

Campos ainda lembra que Lobato também discutiu o consumismo que “traz o perigo maior: o da crise econômica, que poderia acontecer se houvesse um descompasso entre a produção e o consumo” (p. 155); a intolerância política, “intransigência essa que se escondia atrás do chavão ‘atividades comunistas’, usado indiscriminadamente” (p. 157); a rígida moral puritana, “ironizando os norte-americanos que, segundo ele, jogavam toda sua força e desejo no trabalho, inclusive sexual” (p. 157); e a censura, “exercida não pelo Estado, mas pelas associações de mulheres” e o que acabava por se constituir um “instrumento de dominação das massas” (p. 157).

No decorrer de sua história de vida, são notórias as modificações que podemos perceber nas idéias de Monteiro Lobato. Temos, por exemplo, uma carta de 1944, em que o escritor trata de seu desligamento da União Cultural Brasil-Estados Unidos, o que justificou sucintamente a Jorge Americano, em 2 de janeiro deste ano:

Em mãos a sua de 28 de dezembro ultimo [1943]. Nada de estranho há no meu pedido de retirada da União Cultural Brasil-Estados Unidos. Há apenas um pouco de lógica. Como verifiquei que os americanos fazem a maior das guerras aos fascismo na Europa e dão todo o apoio moral e material ao mesmo fascismo aqui, achei de bom conselho não contri-

buir para a união cultural entre os dois povos, de medo que o brasileiro acabe ainda mais sem-vergonha do que é. Como o prezado amigo vê, trata-se apenas de um bocadinho de lógica. (MONTEIRO LOBATO, 1959, p. 262)

Os apontamentos de Campos (1986) não se restringem à literatura "adulta" de Lobato. Eles podem também ser colocados em face de textos infantis, como *A chave do tamanho* (1942), uma das últimas obras infantis de Lobato, em que os Estados Unidos surgem como um dos cenários relevantes para a aventura de Emília e dos outros personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Contemplando o pôr-do-sol no sítio, assim se inicia a trama de *A chave do tamanho*². Emília, em pé na porteira, aparece já na primeira cena formulando questões e implicando com os "modos de dizer" dos adultos. Enquanto Dona Benta se dispõe a responder aos questionamentos da boneca, chega o carteiro e entrega o jornal. As notícias da guerra deixam a avó amargurada, o que leva Emília a buscar uma solução para o problema: ela furta o superpó (substituto do conhecido pó de pirlimpimpim), vai até o Fim do Mundo, na Casa das Chaves, onde existem as chaves que controlam tudo que há no mundo e, tentando abaixar a chave da guerra, mexe na chave do tamanho e reduz a humanidade a centímetros.

A partir daí se inicia a aventura no mundo pequenino. Como não tem força para voltar a chave a sua antiga posição, Emília viaja com o superpó até o Sítio do Pica-pau Amarelo para pedir ajuda. Porém, é impedida pelo pinto sura que, enxergando-a como petisco, faz com que a personagem aspire novamente o pó e vá pousar no jardim de outra localidade. Depois de muitas aventuras para tentar chegar à casa que vê de longe, Emília se encontra com a família do Major Apolinário, prefeito de Itaoca. Acompanha uma carnificina realizada pelo gato Manchinha, que come seus donos, e realiza o salvamento de duas crianças, agora órfãs e dependentes da boneca. Lutando pela sobrevivência na "nova ordem", os três são encontrados, mais tarde,

² A edição utilizada para análise é a 42ª, de 1997, publicada pela editora Brasiliense.

pelo Visconde, que caminhava para a cidade a fim de verificar se o fenômeno do "apequenamento" alcançara mais gente. Emília conta a história, aloja-se com os órfãos na cartola do sabugo, e eles retornam ao Pica-pau Amarelo, onde Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho e Narizinho se encontram no quarto, sobre a cômoda.

Logo depois, Emília e Visconde decidem realizar uma viagem pelo mundo para comprovar o resultado do abaixamento da chave. Antes, porém, Emília é acuada por Narizinho, que percebera alguma "arte" da boneca, e a responsável pela redução da humanidade se compromete a realizar um plebiscito para decidir a questão quando ela e o Visconde retornarem.

A viagem mostra que a redução atingiu todos e a tragédia foi geral. Encontrando os líderes mundiais envolvidos na Segunda Guerra Mundial, a personagem discursa para cada um e, numa viagem aos Estados Unidos, encontra um núcleo de civilização, *Pail City*, ou a Cidade do Balde, cujas obras são dirigidas por um sábio. Cada vez mais convencida de que a redução foi benéfica para a humanidade, Emília retorna com o Visconde ao Pica-pau Amarelo. Porém, o tamanho ganha no plebiscito e a chave é recolocada em sua antiga posição.

A história termina com os personagens se trocando rapidamente, pois, pequeninos, ficaram nus, e com o coronel Teodorico escondido dentro do guarda-roupa de Dona Benta, sem ter roupa para vestir na situação de "emergência".

Como podemos notar por meio dessa breve apresentação da história, a trama inicia-se efetivamente com a chegada da correspondência, quando Pedrinho lê as notícias sobre a Segunda Guerra. Como elemento desencadeador do conflito, pois é o que leva Emília a tomar a atitude drástica de mexer nas chaves reguladoras do mundo, a guerra se fará presente por toda a narrativa como um dos temas principais. Na verdade, podemos situar a guerra como o assunto central da obra, ponto do qual derivam outros temas igualmente complexos: a relatividade dos valores, o papel da ciência, as relações políticas do momento. Para nossa discussão, interessamos lembrar, porém, que o tema central acaba por implicar necessariamente a presença dos Estados Unidos no texto, um dos principais países envolvidos no conflito mundial.

Último país a ser visitado pelos personagens Emília e Vis-

conde, os Estados Unidos são referidos em primeiro lugar, com a menção a Hollywood, como diz Emília respondendo ao Visconde para onde iriam:

—África? – perguntou o milho
— Não. Califórnia – respondeu Emília com o pensamento em Hollywood.

O Visconde tomou o canudinho de pirlimpimpim, calculou cuidadosamente a pitada e levou-a ao nariz – *fiunn!*... (p. 70)

Entusiasta do cinema, Lobato não se esquece dessa arte ao trazer os Estados Unidos para a história. Contudo, os visitantes não só se esquecerão da magia do cinema mas também encontrarão um núcleo de civilização voltada para a “nova ordem” – *Pail City*, ou A Cidade do Balde, é o embrião de uma nova civilização liderada pelo sábio Dr. Barnes. É com esse personagem que vemos a crítica mais contundente ao desenvolvimento desenfreado, ao mau uso da tecnologia, ao exercício arbitrário e inconseqüente do poder do conhecimento, elementos esses característicos da potência norte-americana, a qual Dr. Barnes afirma ser “a terra mais atormentada pelas reinações do fogo e do ferro: essa infinidade de máquinas que aqui na América nos fazia tropicar num galope sem fim” (p. 75).

O ideário “iluminista” de Lobato, como aponta Bosi (1982) ao considerar *A chave do tamanho* como alegoria, leva a uma sociedade utópica fruto do inconformismo do escritor que, com sua imaginação, contraria a ciência dos séculos XVIII e XIX ainda corrente em sua época, especialmente a física – uma visão apocalíptica de fim e recomeço, uma relação dialética e paradoxal entre desilusão e esperança. Como exemplo, temos a fala do Dr. Barnes a respeito do ferro e do fogo:

— Tudo naquela civilização era um produto do ferro, continuou o sábio, e o ferro era filho do fogo. Felizmente estamos livres do fogo, como eu ia dizendo quando o mensageiro nos interrompeu. Estamos livres do fogo e do seu filho o ferro e das mil reinações que os dois faziam no mundo, como nas grandes guerras em que tudo era ferro e fogo. Estamos livres até da grande multiplicação dos homens sobre o planeta. (p. 74)

– Pois é – continuou o sábio. – Estou convencido de que a desgraça da velha civilização veio das conseqüências sociais do fogo. Sempre pensei assim, porque sempre vivi na terra mais atormentada pelas reinações do fogo e do ferro: essa infinidade de máquinas que aqui na América nos fazia tropicar num galope sem fim – para que, meu Deus, para chegar ao que? Imaginem, pois, o meu gosto quando sobreveio este súbito fenômeno da redução do tamanho – o maravilhoso remédio para o caminho errado em que o *Homo sapiens* se havia metido desde a descoberta do fogo. (p. 75)

A crítica à civilização é muito bem colocada pelo líder de *Pail City* – “Que foi a última guerra senão o desabamento em cima do homem de toda a civilização baseada no ferro, sob forma de tanques, canhões, fuzis, metralhadoras, bombas aéreas etc.? Sempre o ferro e o seu maldito pai fogo!” (p. 75). Contudo, o tom pessimista da narrativa traz em sua própria condição de crítica ao chamado mundo civilizado a idéia de um mundo melhor, de um desenvolvimento que sirva para alcançar a felicidade das pessoas. O fenômeno do apequenamento, portanto, abre a possibilidade de se corrigir os erros do passado:

– Sim, concordou o Visconde. Todas as outras espécies animais vivem muito bem neste mundo sem recorrer ao fogo. O *Homo sapiens* foi o único a entrar por esse caminho.

– Um caminho errado, insistiu o doutor. Livres do fogo, nós vamos agora construir uma civilização muito mais natural e vantajosa para nós mesmos – sem guerras, sem máquinas, sem aquele desvario das invenções que nos iam levando para o bebeléu. (p. 75)

“– Não vamos ter precisão de velocidade nem de pressa, volveu o doutor Barnes. Graças a Deus já estamos livres desses dois horrores” (p. 77). A fala do Dr. Barnes só vem a explicitar duas características atribuídas à sociedade americana, a velocidade de seu desenvolvimento e a pressa na conquista de novos espaços. É importante observar que são palavras de um estudioso norte-americano a respeito de seu próprio país. Mesmo diante de tantas tragédias causadas pelo

ferro e pelo fogo, a narrativa lobatiana não deixa de colocar em destaque a principal contribuição desse povo para a humanidade, o conhecimento:

– Isso mesmo, concordou o doutor. Será regressarmos ao período da evolução humana anterior á descoberta do fogo, mas com toda a nossa bela ciência na cabeça – e podemos ser muito mais felizes que os nossos avós daquele tempo. Olhe, disse ele apontando para os homensinhos que construíam um cercado para besouros rente á calçada. Um segura o espinho-moirão, outro bate com um malho. Que é aquele malho? Um velho instrumento do homem da pedra lascada – um pedregulho aqui do jardim que eles amarraram num cabo. (p. 75)

O ideário iluminista, pois, se estabelece apontando para um novo centro mundial de produção do conhecimento, um núcleo renovador, uma vez que não são sábios, estudiosos, professores de históricas universidades européias que apresentam soluções para a “nova ordem”, aliás, uma ordem universal. Como afirma Mello (1995), “o que subjaz de mais profundo e universal é a necessidade de uma nova postura do homem frente à sociedade, que vai da simples indagação à análise, à crítica, até a alteração do “status quo”, como em *A chave do tamanho*, antes que o ser humano se destrua completamente” (p. 73). O que o texto de Mello ressalta, portanto, é a visão “universalista” de Lobato, visão que nos leva inevitavelmente a um contexto de hegemonia norte-americana.

A visão iluminista de Lobato, porém, não impede que sua ironia recaia sobre os dirigentes americanos. É assim que, depois da visita a *Pail City*, Emília e Visconde vão para Washington conversar com os chefes de Estado.

Parando na rua do palácio “onde sempre residiram os presidentes americanos” (p.79), Emília e Visconde entram no jardim da Casa Branca, lembram do presidente Lincoln e o sabugo conta um episódio da vida desse presidente de forma que a boneca se emociona. Logo, porém, a grandeza de Lincoln é contraposta à impotência dos líderes atuais, que aparecem discutindo, antes de tudo, o que eles realmente governam:

— O governo já não existe – dizia ele – pela simples

razão de que já não existe o que governar. O extraordinário fenômeno que destruiu o tamanho dos homens desta grande nação veio alterar completamente as antigas condições de vida – e impossibilitar a existência do governo. O governo americano, que era o mais poderoso do mundo, está hoje nu, com frio, sem sequer uma tanga para os rins, sem sombra de povo, sem força, sem a menor idéia na cabeça. Quais são hoje os problemas do governo americano? pergunto eu, e olhou para o Presidente. (p. 80)

A anulação do poder causada pela perda do tamanho leva os importantes representantes do poder americano a se preocuparem com outras coisas:

— Sim, continuou o ministro. Eu pergunto ao senhor Presidente quais são os problemas do governo americano? Qual é o problema numero um, que devemos abordar antes de todos os outros?

O presidente respondeu que já haviam decidido aquele ponto. O problema número um do governo americano, o problema que tinha vindo substituir o da luta contra o Japão e a Alemanha, era fechar a janela da sala e manter o fogo da lareira. (p. 79)

Se a ironia dessa discussão nos mostra a irrelevância das questões políticas mundiais mediante privações de condições mínimas de sobrevivência, ela também traz à tona o questionamento das relações políticas internas. Assim, depois da apresentação e da conseqüente surpresa com o gigante Visconde, os ministros entreolham-se enquanto Emília narra as aventuras vivenciadas em *Pail City* e pensam no futuro do governo:

Os ministros entreolharam-se. Se a cidade de Washington estava destinada a desaparecer invadida pelo mato, nada mais razoável do que irem admitindo a hipótese da mudança do governo para Pail City, o maravilhoso centro em formação onde até já havia pés de guarda-sóis. (p. 80)

Ora, a preocupação quanto à sobrevivência de um governo que já não tem o que governar cede espaço para um

pensamento em busca de poder. A sociedade administrada por um sábio, e por isso ia se constituindo como nova possibilidade de organização, encontra um governo “pronto” ao qual só falta quem governar. E isso Emília cuida de prover, pedindo ao Visconde que, depois de suprir os ministros e o presidente com alimentos, recolhesse cidadãos, pois:

— Sim, não posso compreender um governo do povo, pelo povo e para o povo, sem povo nenhum – disse ela. – Vou dar povo ao governo americano.

O Visconde saiu e com um pauzinho andou catando gente de todas as frestas e buracos que encontrou. Conseguiu assim dotar o governo americano com um lote de povo de 120 cabeças – 60 homens e 60 mulheres. (p. 81)

Dando povo ao governo, “cabeças”, unidades que não se distinguem por personalidade, como numa boiada, Visconde propicia à companheira demonstrar conhecimentos históricos:

— O navio *Mayflower* – disse ela – despejou neste país um carregamento de 120 peregrinos ingleses, dos quais saiu esta grande república. O *Mayflower* de agora é a cesta do Visconde. Faço votos para que o governo americano consiga realizar com os 120 peregrinos do Visconde os mesmos milagres realizados com os peregrinos do *Mayflower*. (p. 81)

Como podemos notar, as “geniais soluções” tanto de Emília quanto do governo norte-americano passam inevitavelmente pela arbitrariedade: é a detentora do poder que negocia com o governo mais poderoso do mundo sobre o destino da nação. Se no encontro na Casa Branca Emília não faz acalorados discursos a respeito da guerra, antes compartilha de uma certa amizade com os ministros e o presidente, a narrativa acaba por revelar uma face menos nobre da América, qual seja, a idéia de que o dinheiro pode comprar todas as coisas. É assim que, em contraponto ao sábio Dr. Barnes, que utiliza os serviços do gigante Visconde para melhorar a qualidade de vida da população, o governo americano propõe, em benefício tão-somente de si mesmo, a presença definitiva do Visconde nos Estados Unidos:

Os ministros estavam encantados com as geniais so-

luções da Emília e do gigante. Cochicharam entre si; um adiantou-se e disse:

— Estou autorizado pelo Presidente a propor ao Senhor Visconde de Sabugosa um grande negócio: ficar aqui a serviço do governo americano. Não discutimos preço. O Senhor Sabugosa ganhará quantos dólares quiser. (p. 81)

Mediante a oferta, o narrador expõe o ridículo da idéia: “Ainda estavam com as idéias velhas na cabeça. Dólares! Tinha graça” (p. 81). Nesse momento, Emília explica as novas relações e tenta um acordo, enviar o Visconde toda semana por uma hora ou duas para ajudar o governo americano. Tudo estaria resolvido se ela não estivesse mais uma vez lançando mão de uma idéia genial que desconsidera a opinião do outro: uma das causas do Visconde votar contra o apequenamento, já no final da história, seria justamente para evitar sua subserviência às decisões emilianas. Emília continua seu discurso e oferece também Quindim o que, mesmo com a impossibilidade de qualquer atitude militar, interessa ao ministro da guerra:

— Sim – continuou Emília – lendo na cara de todos a atrapalhação. Quindim é um assombro no transporte. Poderá sem o menor esforço conduzir no lombo vinte mil insetos descascados. Se o governo americano pilhar esse veículo, estará servido pelo resto da vida. Quem não obedecerá a um governo dotado de um rinoceronte? A hipótese entusiasmou o ministro da Guerra. Um tanque de carne! Que maravilha! (p. 82)

A mesma personagem que, momentos antes, estivera numa sociedade adaptada à “nova ordem”, ouvindo inclusive os discursos do dr. Barnes sobre os malefícios do ferro e do fogo, já se encontra envolvida pelo discurso do poder – a inutilidade da guerra para os insetos descascados não impede o interesse americano por um tanque de carne a fim de manter sua supremacia.

E é o discurso um dos elementos que caracterizam comicamente a situação do governo americano. Ao trazer para a história a conversa do ministro, percebemos as formalidades de um governo que já não tem o que governar, um conjunto de pessoas que mantém as mesmas formas de tratamento como se ainda existisse a importância de suas funções sociais:

— Ele é bom orador, cochichou Emília. Aquilo é discurso.
— Sim – continuou o ministro. – Eu pergunto ao Senhor Presidente quais são os problemas do governo americano? Qual é o problema número um, que devemos abordar antes de todos os outros? (p. 79)

Vemos, então, que, em *A chave do tamanho*, a história apresenta não só uma visão crítica sobre os países do eixo mas também sobre os Estados Unidos. No momento em que os personagens do Sítio se voltam para a América, o discurso da protagonista, Emília, e do narrador constroem-se com ironias e discursos configuradores de uma imagem crítica a respeito de um dos principais países envolvidos na Segunda Guerra Mundial. Em vez de discursar pela paz, Emília acaba oferecendo mais recursos para as atividades bélicas americanas, o que, no contexto da obra, constitui uma contradição flagrante: mesmo num mundo às avessas, o poder ainda continua a seduzir a América; e seu poder econômico ainda aparenta ser uma forma de se relacionar com o mundo, retirando dele, e somente para ele, o que há de melhor e mais eficaz.

VALENTE, T.A. The América in *A chave do tamanho*, by Monteiro Lobato. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 165 - 176, 2005.

▪

ABSTRACT: *Children's literature from the beginning of century XX has in Monteiro Lobato one of its important writer. As an intellectual engaged in national causes of his time, the writer presented, in his texts both to children and adults questionings on the American continent, more specifically regarding the United States. Our aim, then, is to approach the presence of USA in A chave do tamanho, 1942, one of the last infantile works of the writer directed to children, written after his experiences in the United States during the Second World War.*

KEYWORDS: *A chave do tamanho*; Child literature; Monteiro Lobato.

Referências

CAMPOS, A. L. V. de. *A república do Picapau Amarelo* – uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LAJOLO, M. *Monteiro Lobato* – um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.

MONTEIRO LOBATO, J.B. *A chave do tamanho*. 42 ed. Ilustr. Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. *América*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. v. 9. (1ª série).

_____. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. v. 16. 1º Tomo. (1ª série).

_____. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. v. 17. 2º Tomo. (1ª série).

_____. *Mr. Slang e o problema vital*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. v. 8 (1ª série).